



**DISCURSO DA SR.^a GERALDINE J. FRASER-MOLEKETI,
ENVIADA ESPECIAL PARA QUESTÕES DE GÊNERO, GRUPO BAfD
4.^a CONFERÊNCIA MUNDIAL DO CAFÉ
CERIMÔNIA INAUGURAL
ADIS ABEBA, ETIÓPIA, 7 DE MARÇO DE 2016**

Senhoras e Senhores,

O café é nosso combustível diário. Ele nos acorda de manhã e nos dá o estímulo periódico de que precisamos para manter nossa produtividade durante o dia. Como fonte primordial de renda para cerca de 10 milhões de grupos familiares no mundo inteiro, o café constitui um estímulo ainda mais poderoso para inúmeros países, comunidades, famílias e indivíduos.

Desses 10 milhões de famílias, 95% são de pequenos agricultores, e quase metade – cerca de 4,2 milhões de famílias e 20 milhões de pessoas – ainda vive abaixo da linha da pobreza.

Aqui na África a produção cafeeira é o motor econômico de 25 países, e na África subsaariana o café é de importância crítica para a estratégia geral da transformação rural. Isso é importantíssimo, pois 60% da população africana é rural. A África é a região com o maior número de países produtores de café: 25, em comparação com 11 na Ásia e Oceania, 12 no México e América Central e 8 na América do Sul.

Na África, o café é um dos mais importantes produtos básicos industriais, gerando um nível expressivo de receita para as comunidades rurais, contribuindo para o combate à pobreza extrema e ajudando a criar prosperidade.

Alguns de nossos países dependem do café como fonte primária de renda para a população rural e importante fonte de receitas de exportação. Além de fazer uma contribuição vital para a obtenção de divisas, ele responde por uma proporção significativa da receita tributária e do PIB de diversos países do continente. Dos 25 países africanos produtores de café, 8 estavam entre os mais pobres do mundo em 2013 e 2014. Acresce que mais de 53% da população rural dos 25 países africanos produtores de café se dedicam à cafeicultura.

Assim, apesar da pequena contribuição que os países do continente fazem ao mercado cafeeiro global, o café representa uma proporção significativa tanto do PIB quanto da quota de exportação de algumas das economias africanas. No entanto, a produção de café registrou

crescimento negativo nas últimas três décadas, caindo de uma média anual de 19,8 milhões de sacas de 60 kg na década de 80 para menos de 15 milhões atualmente. Isso representa uma queda da participação africana no volume total da produção mundial de 27% para 12%.

Não obstante o crescimento negativo da produção do continente como um todo, notamos algumas exceções notáveis, em particular aqui na Etiópia, onde nos últimos 43 anos a média anual de crescimento registrou 2,7%, com 5,5% desde 1990. Apesar de algumas interrupções baixistas, a produção do país em geral tende a subir, chegando a 6,6 milhões de sacas em 2013/14. A Etiópia também é única na África, pois possui uma vigorosa cultura interna de consumo de café e frequentemente absorve metade de sua produção. A produção de Uganda igualmente se expande, mas em menor escala, acusando uma média anual de 2,7 a 2,9 milhões de sacas a partir da década de 70 e alcançando mais de 3 milhões nos anos-safra de 2012/13 e 2013/14. A realização desta Conferência aqui na Etiópia nos dá uma excelente oportunidade de compartilhar a história deste país, contemplando a renovação da produção cafeeira em todo o continente.

Para traçar um caminho rumo à renovação, precisamos compreender e elucidar os desafios que o setor cafeeiro enfrenta. O Banco Africano de Desenvolvimento tem uma longa e extensa história de trabalho com parceiros para fomentar cadeias de valor fortes e prósperas de produtos agrícolas, entre os quais o café. Nossa experiência nos mostra que o subsetor cafeeiro na África é desafiado por diversas limitações correlatas ao longo de toda a cadeia de valor – em particular, as relativas à produção e à produtividade nas lavouras, à agregação de valor e à comercialização dos produtos. Outros fatores que afetam o desempenho do setor cafeeiro na África incluem: a limitação dos recursos financeiros para a pesquisa na área do café, a limitação ou inexistência de serviços de extensão disponíveis aos pequenos cafeicultores; a debilidade de sua posição em matéria de comercialização; sua vulnerabilidade a preços baixos e baixa renda; o envelhecimento da população agrícola e a participação limitada dos jovens na cafeicultura; o acesso reduzido a financiamento em condições favoráveis; a má qualidade das infraestruturas rurais; a insuficiência da adaptação às mudanças climáticas e de sua mitigação; e a persistência das desigualdades de gênero em todos os elos da cadeia de valor.

Hoje quero falar sobre três desses desafios.

Baixa produtividade e rentabilidade econômica da cafeicultura

Os cafeicultores não controlam facilmente os preços do café verde, por isso muitos procuram aumentar sua produtividade e conquistar posições mais altas na cadeia de valor que contribuam para seu sustento. Em termos globais, a produtividade média é de 1 tonelada/hectare, mas ela

varia, conforme a região, de 2,5 toneladas/hectare no Vietnã a 1,4 tonelada no Brasil e apenas meia tonelada na Etiópia, em Uganda e na Côte d'Ivoire. Essa disparidade resulta, em grande parte, de diferenças nas práticas agrícolas: menos de 10% dos pequenos cafeicultores africanos protegem suas safras ou usam fertilizantes, e a maioria tende a não empregar com eficácia técnicas agrícolas básicas como a poda e o replantio.

Boas práticas agrícolas ou serviços de extensão e agronômicos, assim como controle de pragas e doenças, não são os únicos fatores que afetam a produtividade/o rendimento e a produção de café na África. Outros fatores, tais como mudanças climáticas, tornam-se cada vez mais significativos. As mudanças climáticas, principalmente, ameaçam o café cultivado em altitudes mais baixas já situadas nos limites dos climas ideais para o café. Nossas reuniões em momentos como este nos oferecem oportunidades para, coletivamente, tomar medidas para mitigar o impacto de uma crise global.

Organização do mercado cafeeiro

A fraqueza da posição dos pequenos cafeicultores em matéria de comercialização é um dos obstáculos à sustentabilidade do setor cafeeiro na África. Conseguir que eles se organizem em grupos estruturados facilita o acesso aos mercados e reduz os custos de transação. Reduz igualmente os custos dos insumos, através de compras em grupo a preços negociados. Mesmo assim, em muito poucos países exportadores da África há cooperativas de produtores bem estruturadas, com a capacidade financeira e administrativa necessária. Mesmo que alguns países possuam grande experiência no movimento cooperativo rural, a maioria das cooperativas ou sociedades primárias é fraca e precisa ser fortalecida. Elos com os mercados foram estabelecidos por um pequeno número de associações de agricultores, através de programas de desenvolvimento que contam com o apoio de doadores e organizações não governamentais (ONGs). Progresso perceptível foi conseguido, mas em geral o acesso ao mercado por associações de agricultores ainda é frágil em quase todos os países produtores africanos.

Um aspecto um pouco mais positivo é que, desde a liberalização iniciada em princípios da década de 90, a intervenção governamental se limita à regulação do setor, deixando a comercialização por conta do setor privado. Países como a Côte d'Ivoire, todavia, continuam a exercer controle limitado sobre a comercialização, pagando preços mínimos de garantia aos cafeicultores e aprovando os preços de exportação obtidos pelos exportadores. Em alguns países os preços são ditados pelo mercado internacional e transmitidos localmente através de um sistema de leilões ou de vendas diretas. O setor privado opera livremente na comercialização interna e externa do café em Uganda e em Ruanda, e certo grau de controle existe nos sistemas de leilões da Etiópia, do Quênia e da Tanzânia. Em alguns países os pequenos cafeicultores se organizaram em cooperativas para comercializar melhor seu café,

mas estas têm capacidade limitada, devido à precariedade dos investimentos de capital em infraestrutura e dos recursos financeiros. Um cenário semelhante também pode ser visto em países com uma tradição mais robusta de cooperativismo como o Quênia e a Tanzânia.

Inclusão das mulheres

A cafeicultura costuma ser considerada um negócio familiar, com homens e mulheres trabalhando lado a lado no cultivo, manutenção, colheita e processamento de café em todo o continente.

No entanto, continua a haver grandes disparidades de gênero. Cabe às mulheres a maior parte do trabalho produtivo dentro da cadeia de valor do café. Na Etiópia, por exemplo, 2,5 milhões de mulheres participam da pequena produção: cerca de 300.000 possuem suas propriedades, enquanto os 2,2 milhões restantes fornecem mão de obra, basicamente em propriedades familiares em que as mulheres não controlam a receita gerada. Embora as mulheres possuam 24% dos negócios relacionados com o café na Etiópia, só 13% da receita lhes chega às mãos. As mulheres têm uma participação expressiva na cadeia de valor do café, mas isso tipicamente não se traduz em renda equitativa para elas. Na Etiópia, as mulheres respondem por 75% da mão de obra responsável pelo café, mas só auferem 43% da receita que ele gera.

Por toda a Etiópia, Uganda e a Côte d'Ivoire, quando o café é levado das lavouras aos locais de processamento, para lavagem ou secagem, as mulheres participam muito ativamente da mão de obra, mas não da gestão ou da posse da propriedade. Um estudo sobre o processamento de café em Uganda mostra que as mulheres excedem os homens numa proporção de 4 a 1 como mão de obra informal, mas que os homens excedem as mulheres numa proporção de 5 a 2 nas posições formais e na posse das propriedades.

Esses desafios parecem assustadores, mas não são. Se aproveitarmos esta oportunidade para atuar colaborativamente – estendendo nossa atenção a todas as diferentes regiões, setores e instituições –, seremos capazes de melhorar muito o desempenho do café na África e gerar um crescimento inclusivo.

Que medidas poderiam ajudar a promover o desempenho do café da África?

1. Precisamos de um esforço conjunto para que o café, de um setor de subsistência, se transforme em um setor empresarial. Uma estratégia de desenvolvimento rural de base ampla que inclua o desenvolvimento de operações agroindustriais tanto em grande quanto em pequena escala poderia ser a chave para a renovação do subsetor. A fim de desenvolver uma agenda robusta de agregação de valor para a África, os formuladores de políticas

deveriam desenvolver um entendimento nacional e regional centrado na integração vertical da economia da produção. Eles também deveriam identificar os principais desafios relativos ao processamento do café e ao estímulo à demanda local. Vou agora relacionar medidas que poderiam inspirar a estratégia a que me refiro.

2. Devemos apoiar os cafeicultores para que eles consigam maior produtividade e melhor qualidade do café, através de melhores práticas de gestão agrícola e de acesso a melhores insumos. Face à demanda cada vez maior por rastreabilidade dos alimentos na cadeia de valor, os cafeicultores precisam de ajuda para estabelecer sistemas sustentáveis de certificação que, através dos programas apropriados, lhes garantam os máximos benefícios da agregação de valor.

3. Devemos fomentar parcerias público-privadas definidas e vigorosas no setor cafeeiro – entre compradores internacionais, exportadores, produtores, setor público e instituições de apoio – as quais, entre outras coisas, gerem receita e empregos nas comunidades cafeeiras, para viabilizar um mercado estável para o café que elas produzem e, também, construir capacidade empresarial entre os cafeicultores.

4. Devemos apoiar a infraestrutura social das comunidades agrícolas onde o café é cultivado. Esforços para conseguir a organização dos cafeicultores ampliarão a eficácia das intervenções que requerem aprendizagem coletiva e implementação ampla. O fortalecimento da governança, da transparência e da responsabilidade nas organizações de agricultores também é crucial.

5. Devemos incentivar os agricultores a adotar métodos apropriados para a utilização de detritos, revitalização de nutrientes do solo e sequestro de carbono através de cafeeiros e árvores de sombra. O incentivo aos cafeicultores para que mantenham as árvores em seus sistemas de agricultura, assim, ajudará a combater os efeitos das mudanças climáticas.

6. Devemos dar poder às mulheres cafeeiras. As perspectivas comerciais de seu empoderamento, em termos de produtividade, qualidade e em outras áreas, são claras. É preciso apoiar a igualdade entre gêneros e os programas especificamente destinados a orientar as mulheres ao longo de toda a cadeia de valor.

7. Finalmente, devemos nos voltar para as gerações futuras e tornar o cultivo e produção de café uma proposição de negócios atraente. Se o café não for comercialmente viável, arriscamos perder os cafeicultores para outros setores.

Estou aqui hoje para lhes dizer que o Grupo Banco Africano de Desenvolvimento é um parceiro empenhado em ajudar o setor cafeeiro a alcançar seu potencial – seja através de desempenho a nível macroeconômico, seja gerando crescimento equitativo. O Banco apoia o café na África há mais de 30 anos, e seu apoio tem tocado cada elo da cadeia de valor. Preparamo-nos agora para trabalhar de forma mais coesa, ligando a agricultura com a energia, a industrialização e a integração regional, para melhorar as vidas da população de nosso continente – em especial das vidas da população à base da pirâmide socioeconômica. Essas áreas prioritárias formam as pedras angulares do plano de engajamento do Banco para os próximos 10 anos.

As questões de gênero se estendem a todas elas, e o Banco sabe que as cadeias de valor que as incluem apresentam boas perspectivas de negócios. Em 2015, realizamos um estudo focalizando a inclusão das mulheres na cadeia de valor do café, e hoje compareço à Etiópia, como Enviada Especial para Questões de Gênero, com o propósito de transformar as constatações desse estudo em iniciativas concretas. Estamos prontos a atuar como parceiros de governos e instituições que compartilham essa visão.

Por último, desejo reiterar nosso compromisso para com o setor cafeeiro e notar que estamos trabalhando com uma proposta recebida há pouco da Organização Interafricana do Café (OIAC) relativa ao estabelecimento de um fundo regional exclusivamente para o café. O objetivo desse fundo é ajudar a melhorar os padrões de vida dos cafeicultores, pela melhoria da competitividade do café africano por meio de boas práticas agrícolas; desenvolvimento da capacidade para negócios; fomento de vínculos mais fortes com os mercados; investimentos; capacitação por meio de conhecimentos; e promoção de políticas cafeeiras nacionais favoráveis. Recordo que o café é um de seis produtos agroindustriais estratégicos que o Banco tenciona apoiar no médio prazo, como parte de sua agenda de transformação agrícola continental. Os outros são o cacau, o algodão, a mandioca, o caju e o óleo de palma.

Espero que esta Conferência sirva como catalisador para que nos unamos e nos tornemos parceiros em enfoques novos e inovadores centrados na renovação e transformação do setor cafeeiro. Para tanto, estarei moderando o primeiro painel – imediatamente após o almoço. Esse painel procurará gerar novas ideias para um setor cafeeiro diversificado e sustentável, alicerçado na inclusão. Não posso pensar em um lugar mais apropriado para este diálogo sobre diversidade do que a Etiópia – o berço do café e o lar dos cafés mais diferenciados que hoje se cultivam.

O Banco está entusiasmado com as oportunidades e parcerias que haverá se infundirmos no setor a mesma energia que nosso café matinal nos traz todos os dias.

Muito obrigada.